Jovens 19-3:E

Ano XII — Lisboa, Junho de 1956 — N.º 134

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50
Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

No Dia de Portugal

Amar e servir a Pátria



Permite-me, meu caro Escoteiro, que neste Dia de Portugal, que vamos comemorar, te convide para uma meditação rápida, mas sentida, no significado da Promessa tão solenemente prestada naquele dia em que, pela vez primeira, envergámos o brilhante e honroso uniforme dos cavaleiros da lis e nos afirmámos prontos para amar e servir fielmente a Pátria.

É certo que nos não temos esquecido do compromisso assumido; no entanto, este momento é muito propício para uma útil reconsideração. Assim, olhando o tempo que ficou para trás, mais fácil nos será verificar a maneira como temos correspondido à afirmação feita.

O Dia de Portugal comemora-se na data que celebra o glorioso poeta Luís de Camões, o épico que em formosas estrofes exaltou os feitos da lusitana gente. Fê-lo com entusiasmo porque no seu coração português pulsava o génio do povo luso e sentia legítimo orgulho de pertencer a uma raça que se notabilizara na ciência náutica e a golpes de generosidade e audácia tinha iniciado uma nova era na história da civilização humana, rasgando horizontes novos, desvendando o mistério de oceanos e continentes ignorados.

Esse legítimo orgulho, também tu, Escoteiro, tens o privilégio de sentir. Como Camões, cumpre-te cantar as glórias da Pátria. Se nem todos temos engenho e arte para celebrar a epopeia dos nossos avós em cantos brilhantes, cumpre-nos fazer das nossas vidas um hino de trabalho que honre os feitos dos antepassados, dando vigoroso contributo para legar a nossos filhos uma Pátria prestigiada, próspera e feliz, para que possam também sentir a honra de ser Portugueses.

Longe vai a época em que se imaginava ser só possível servir a pátria de espada em riste. Tal conceito nem já na guerra é verdadeiro. Hoje, para a defesa nacional, são necessários os esforços conjugados de todos os cidadãos e para manter a integridade do país é indispensável a dedicação, fidelidade e firmeza de carácter do povo inteiro. O primeiro ataque do inimigo visa directamente a alma da nação, e mal estará o exército cuja retaguarda esteja moralmente decadente, minada pela cobiça, aberta a toda a traição. Já Baden-Powell afirmava que «uma nação deve os seus êxitos menos à força dos seus armamentos que ao carácter dos seus cidadãos». O teu primeiro dever, portanto, é ser digno da confiança da Pátria.

Mas tens de agir. Apesar da tua juventude, a Pátria exige o teu esforço. Não confundas, porém, este teu anseio de servir com o egoísmo daqueles que fazem o elogio de um patriotismo exaltado, mas buscam apenas a satisfação de inconfessados interesses pessoais. Esses são os *patrioteiros*. Deves trabalhar pela terra que será de teus filhos, mas tens de ser generoso e abnegado. O teu grande dever, agora que és novo, será a tua preparação intensa para ocupar com valor o teu lugar na vida social. Se estudas, deves fazê-lo com devoção. Aumentando o teu saber, enriqueces o património intelectual da nação e reúnes os materiais que amanhã poderás empregar no serviço da comunidade, cooperando com todos os outros na obra de elevar e prestigiar o nome de Portugal.

Se trabalhas, se aprendes um ofício, ou te exercitas na aprendiza-

(Conclui na 2.ª página)

A oração de um pai

Dá-me, senhor, um filho que seja bastante forte para saber quando é débil, e bastante valoroso para enfrentar-se consigo mesmo quando sinta medo; um filho que seja orgulhoso e inflexível na derrota honrada, e humilde e magnânimo na vitória.

Dá-me um filho que nunca curve as costas quando deve erguer o peito; um filho que saiba conhecer-te a Ti... e conhecer-se a si mesmo, que és a pedra fundamental de todo o conhecimento.

Conduze-lo, te rogo, não pelo caminho fácil e cómodo, senão pelo caminho áspero, aguilhoado pelas dificuldades. Ali, deixa-o aprender a sustentar-se firme na tempestade e a sentir compaixão por aqueles que falham.

Dá-me um filho cujo coração seja limpo, cujos ideais sejam altos; um filho que se domine a si mesmo antes que pretenda dominar aos demais; um filho que aprenda a rir, mas que também saiba chorar, um filho que avance para o futuro, mas nunca esqueça o passado.

E, depois que lhe tenhas dado isto, junta-lhe, suplico-Te, suficiente sentido de bom humor, de modo que possa ser sempre sério, mas que nunca se tome a si mesmo demasiado a sério. Dá-lhe humildade para que possa recordar sempre a simplicidade da verdadeira grandeza, a imparcialidade da verdadeira sabedoria, a mansidão da verdadeira força.

Então eu, seu pai, atrever-me-ei a murmurar: «NÃO VIVI EM VÃO».

Do «Boletim Scout de Las Américas»

«A juventude, além do seu brio, vigor, alegria e optimismo para encarar o Mundo, conta com um bem precioso: o tempo, que só quando já passou se compreende em todo o seu valor. Sem ele, nada é possível realizar».

Luís Bisquertt

O REGULAMENTO GERAL DA A. E. P.

Nos últimos dias de Maio passado, e depois de termos já escrito o que noutro lado dizemos acerca do projecto do Regulamento Geral, a direcção da A. E. P. publicou, com data de 19, um Boletim Oficial, no qual determina:

1) **Regulamento Geral**—*I Parte (Organização e Princípios Gerais)*

Por ter sido aprovada pela Organização Nacional MOCIDADE PORTUGUESA, em conformidade com o preceituado no n.º 3.º do art. 2.º do Decreto-lei n.º 31 908, de 9 Março de 1942, é posta em vigor a I Parte do Regulamento Geral da A. E. P.

O ofício em que nos foi comunicada a dita aprovação tem o n.º 221-SI/6.ª e é datado de 10 de Maio de 1956.

O n.º 3.º do art.º 2.º do Decreto-lei citado diz, com referência ao comissário nacional da O. N. Mocidade Portuguesa, que lhe compete:

Aprovar todos os regulamentos e instruções aplicáveis às actividades educativas.

Significa isto que cabe ao sr. Comissário Nacional aprovar os regulamentos que tenham sido elaborados de harmonia com as disposições estatutárias, que também foram aprovadas pela mesma entidade. Os Estatutos estabelecem no n.º 1.º do art.º 14.º que compete à conferência de Dirigentes:

Estabelecer a orientação geral da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Se os Estatutos estão aprovados superiormente, devemos fazer justiça que a O. N. Mocidade Portuguesa não impõe o R. G. à A. E. P., mas reserva apenas o direito de aprovar os regulamentos que forem estabelecidos de harmonia com a organização interna da Associação.

No nosso parecer, o problema tem só importância por uma questão de princípios. Estamos mesmo convencidos de que se a Direcção submetesse o R. G. que elaborou, de harmonia com o que preceitua o n.º 2.º do § 3.º do art.º 11.º dos Estatutos, à Conferência de Dirigentes, certamente que os representantes dos grupos o aprovariam e teríamos assim, de facto, um Regulamento Geral, o que agora não acontece.

Acerca dos Regulamentos Escotistas, será interessante transcrever aqui alguns pontos estabelecidos numa nota transcrita no «Boletim Scout de las Américas» do Escoteiro Executivo Canadiano e que dizem:

Ao tratar com voluntários acerca dos regulamentos, creio que é conveniente que tenhamos em mente os seguintes pontos:

1. Não somos os autores dos regulamentos senão os intérpretes. Os regulamentos são feitos pelos voluntários pròpriamente.

(...) 3. Não se espera que todas as regras no P. O. R. sejam aceitáveis inteiramente por todos os membros da Associação, porém, como estas regras foram aceites pela maioria, é obrigação de todos os membros acatar as mesmas.

(...) 6. Qualquer Escoteiro voluntário ou executivo pode fazer uma sugestão para mudar as regras. As mudanças assim introduzidas serão efectivas se a maioria concorda que são de interesse para o Movimento. (...)

Estes são princípios escoteiros. O facto de existir um Regulamento com mais um artigo ou menos outro artigo, não é problema grave, o que é lamentável é que estejamos a afastar-nos dos princípios fundamentais do Escotismo e habituando-nos a não cumprir a lei associativa, exemplo mau numa organização educativa.

Amar e servir a Pátria

(Conclusão da 1.ª página)

gem de uma profissão, esmera-te no serviço, torna-te apto, capaz, eficiente. Darás assim a tua quota-parte para o engrandecimento nacional. Produzir e servir bem, são duas formas honrosas de prestigiar a nação. Mas busca sempre e constantemente a Cultura. Um povo culto é sempre um povo nobre.

Tens ainda outro dever, um grave e importante dever a cumprir: Conservar a tua própria saúde e o teu robustecimento físico. Terás, portanto, o cuidado de evitar vícios, desregramentos, tudo quanto possa contribuir para o teu enfraquecimento físico e mental, a fim de que possas transmitir a teus filhos um sangue vigoroso e puro. Uma nação nunca será forte se os seus filhos forem fracos, decrépitos, minados por vícios, doença, miséria.

Para prestigiar a tua Pátria, deverás ainda contribuir com o teu exemplo e com a tua influência para que haja paz e amizade entre todos os Portugueses, sejam quais forem as suas opiniões ou crenças. Todos têm direito ao amor da Pátria se dela forem dignos. Para fomentar esta amizade entre todos os cidadãos, segue diligentemente a justiça e atende o conselho de Baden-Powell. Diz ele: «Deveis começar, em rapazes, a considerar todos os rapazes vossos amigos. Lembrai-vos, quer sejais ricos quer pobres, da cidade ou do campo, de que tendes de vos conservar unidos para bem da vossa pátria. Se estiverdes divididos, estais a prejudicar a Pátria. É preciso esquecerdes as vossas diferenças de opinião».

Todos estes pensamentos nos são inspirados pelo Dia de Portugal. Como Escoteiro, vive intensamente este Dia. Sobretudo, que te possas sentir feliz pela consciência do dever cumprido.

Amanhã, em contacto com irmãos escoteiros de outras pátrias, sentirás orgulho de te afirmar português, orgulho que exige o respeito pelo nome de Portugal, mas não exclui—antes justifica—uma natural simpatia pela pátria dos teus amigos de além-fronteiras e uma compreensão respeitosa pelas virtudes dos outros povos.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

Saudação do Delegado Regional de Lisboa

Prezados Irmãos-Escoteiros:

Na minha saudação de hoje, vede a minha fé... nessa fé um agradecimento!

Agradecimento para vós, irmãos-escoteiros, que durante o nosso convívio tendes sabido insuflar em mim entusiasmo e mais amor pelo nosso Movimento, pelo amor que em vós, por ele, tenho encontrado.

Se, «para fazer grandes coisas não é preciso ser um grande génio, não é preciso estar acima dos homens, mas estar com eles», eu, que não pretendo fazer obra grande, posso aspirar a fazer algo porque vivo convosco e não acima de vós.

Eis o que vejo: Nas vossas dúvidas... o vosso interesse; nas vossas divergências... a vossa dedicação ao Escotismo. Na minha compreensão por todas elas, a muita amizade que por vós em mim sinto crescer, eis o que vos peço que vejais.

Nos nossos desânimos vejamos sempre o nosso querer e no nosso querer a nossa certeza na realização do nosso ideal de fraternidade escotista, num mundo cada vez melhor pela realização dos nossos princípios.

Com o pensamento na nossa Lei e o coração na vossa amizade, abraço-vos, como sempre, fraternalmente.

EUGÉNIO HENRIQUE RAMOS

Acampamento Regional

No sábado e domingo, dias 12 e 13 de Maio passado, os grupos de Lisboa acamparam na Mata do Alfeite, sob a chefia do sr. dr. Eugénio Henrique Ramos, delegado regional de Lisboa.

No sábado, à noite, os grupos realizaram um fogo de conselho. No Domingo, de manhã, efectuaram-se os serviços religiosos, o Chefe de Campo passou revista aos diversos campos e relizaram-se jogos.

De tarde, os dirigentes reuniram-se com o chefe de campo para troca de impressões. O delegado regional convidou as patrulhas a apresentarem um relatório do acampamento, sendo atribuído um prémio ao melhor relatório.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Nova patrulha do grupo 77—Faro

Com o fim de dar maior aperfeiçoamento aos guias e subguias no sentido de melhor desempenharem a missão que lhes corresponde, entrou em actividade, comparecendo os seus elementos fardados, no passado dia 25 de Maio, uma patrulha de estudo, tendo como guia o chefe de divisão sr. José Manuel Eusébio Carrusca. A patrulha de estudo escolheu como lema bem sugestivo as palavras «Vontade e Trabalho». — *C.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura



Roman Garcia Gonzalez

Numa manhã deste luminoso mês de Maio recém iniciado, a terra mãe recebeu o seu corpo. Ali, naquela profunda cova almofadada de flores, deixámos aquele que foi o melhor dos nossos irmãos. Com ele ficaram as nossas lágrimas, enquanto a nossa oração acompanhava a sua alma para Deus.

Seguimos o seu corpo no caminho para o eterno acampamento, todos os seus amigos; muitos amigos, porque na sua passagem pela vida foi dissipando amizade. Brilhantes e húmidos os olhos, ali estávamos, os homens maduros que há muitos anos fomos guiados por ele na senda escotista, e também os rapazes que agora seguiam o seu caminhar por esse caminho; representação viva de várias gerações que se forjaram no Escotismo da mão de «el señor Roman».

Estávamos também, com mais profunda dor do que ninguém, os homens do Clã Lobo Gris, íntimos companheiros e subordinados de Roman nos últimos doze anos.

E, de repente, quando a terra cobriu o seu corpo, quando tudo acabou menos a sua alma, demos conta do tremendo vazio que «el señor Roman» deixava entre nós.

D. Roman Garcia Gonzalez, «León Rojo», morreu, e com ele desaparece uma brilhante página da história do Escotismo Espanhol, uma grande e modesta figura escoteira sempre nas primeiras linhas do trabalho, calado e eficaz, um homem que dedicou a sua existência inteira ao duro labor de forjar jovens escoteiros.

«El señor Roman»—como era por todos conhecido—ingressou nas fileiras escotistas em 1915, quando os Exploradores de Espanha davam os seus primeiros passos, e nunca mais esteve apartado do Escotismo activo. Aquele rapaz converteu-se em Chefe e, durante anos e anos, Madrid teve um Grupo dirigido por «el señor Roman». Debaixo da sua orientação se formaram rapazes de todas as classes, desde o filho do mais modesto operário até aos filhos do Rei (o Conde de Barcelona, actual herdeiro do trono de Espanha, esteve no Grupo), e todos guardam uma grata recordação e um profundo reconhecimento para este homem simples e carinhoso que foi o seu Chefe.

Quando as circunstâncias especiais do seu país paralisaram as actividades oficiais do Escotismo Espanhol, «el señor Roman» foi o único Chefe dos primeiros tempos que não enterrou o seu penacho de guerreiro e, como Chefe do Clã Lobo Gris, manteve acesso o fogo escoteiro em Madrid, um fogo que serviu de farol e estímulo aos exploradores de toda a Espanha na sua forçosa espera. E, ainda, com um impulso assombrosamente juvenil, carregou de novo a mochila às costas e pôs-se à frente das Patrulhas de Escoteiros que patrocinou o seu Clã, continuando assim o seu peculiar labor, interrompido em 1936.

Já enfermo, ainda teve forças para levar os seus rapazes a um acampamento oficial em Portugal, no último verão, vendo assim cumprido um grande desejo dos seus últimos anos: voltar a vestir o seu uniforme.

Roman Garcia Gonzalez morreu! O Escotismo Espanhol perdeu um símbolo, o Clã Lobo Gris o melhor dos seus componentes, a humanidade um homem bom.

Deus o acolheu no seu seio! Nós não o esqueceremos jamais.

Madrid, Maio de 1956

ENRIQUE GENOVÉS

A A. E. P. publicou

O Projecto do Regulamento Geral

Os Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal acabam de publicar e distribuir uma nova edição dos Estatutos associativos e o projecto da I Parte (Organização e Princípios Gerais) do Regulamento Geral. Este apresenta-se já impresso e revela um trabalho cuidadoso, apresentando sensíveis progressos sobre os anteriores em alguns dos seus capítulos nomeadamente na organização dos grupos e regiões.

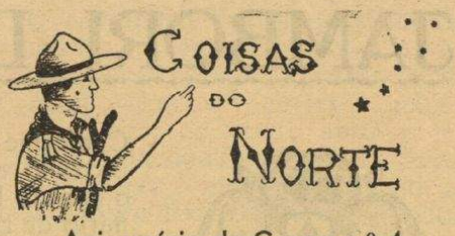
Carece de uma revisão mais cuidada, que o isente de alguns pequenos erros, que apesar de pequenos e relativamente poucos, não se harmonizam com a natureza da publicação.

A matéria publicada, quase toda merece aprovação. Exceptua-se por exemplo, o 4.º do art.º 9.º que estabelece que *as promessas e os compromissos são feitos, verbalmente, perante a Bandeira Nacional...*, lapso de redacção, certamente, visto que os Lobitos fazem a sua promessa perante o Totem da Alcateia. (Um mastro com uma cabeça de lobo, ornado de fitas de diversas cores respeitante ao número de insígnias e estrelas conquistadas pelos Lobitos e ao número de elementos que passaram a escoteiros). A promessa dos Lobitos não é um acto suficientemente solene para ser feito perante o símbolo da Pátria. As crianças não compreendem ainda o seu significado e toda a actividade dos lobitos, a sua lei, a vida da Alcateia são uma fantasia, adequada á mentalidade da criança. Seria, portanto, pouco educativo envolver o significado da Bandeira Nacional num acto tão simples, o que, aliás, não é feito nem entre nós nem nas outras associações.

A redacção do Art.º 16.º deve também merecer um pouco de estudo. Diz esse artigo que *não poderão ser admitidos os indivíduos que sofram de doenças contagiosas evolutivas ou mentais, OU TENHAM DEFEITOS FÍSICOS QUE OS INIBAM DE REGULAR ACTIVIDADE.* O destacado é nosso. Se fosse aprovada esta última parte, ficaria definitivamente excluído do nosso Movimento um útil e interesante ramo—o Ramo de Extensão —, obra do maior interesse educativo e social, que tem merecido o maior louvor das autoridades médicas e governativas de diversos países. Ainda recentemente o Governo Francês galardoou uma dirigente pelos relevantes serviços prestados na orientação dos grupos de escoteiros inválidos. No nosso país ainda não houve quem tivesse coragem de se abalançar a uma obra desta natureza, mas não devemos fechar a porta a alguém que ainda o possa vir a fazer. Além disso, alguns grupos têm tido nas suas fileiras escoteiros portadores de defeitos físicos que os não têm inibido de receber a influência educativa do escotismo, embora os inibam de tomar parte num certo número de actividades. Os benefícios morais que estes rapazes recebem em poder participar em actividades escotistas são de tal forma importantes, que seria desumano privá-los do uso do nosso uniforme simplesmente pelo facto de terem a infelicidade de serem defeituosos.

No que o Regulamento falha rotundamente é no facto de intencionalmente ter ignorado questões importantes do Movimento, que têm constado de todos os nossos Regulamentos e são devidamente esclarecidas nos Regulamentos de todas as associações. O P. O. R. da associação inglesa, trabalho perfeito e completo, regulamenta cuidadosamente a questão dos grupos confessionais, dos grupos anexos a instituições educativas, patrióticas, desportivas, religiosas e outras. Este projecto, ignora completamente estes assuntos, o que iria criar, se fosse aprovado, problemas graves para o futuro do Movimento.

Sabemos que não é tarefa fácil a organização de um Regulamento Geral, exigindo profundo conhecimento do Escotismo, muita sinceridade, isenção e imparcialidade, devendo ser elaborado com a preocupação de servir o Movimento, esclarecendo, ensinando e evitando possíveis atritos. Se se ignorarem os problemas, saltando por cima deles, embora imaginando a maneira de fazer face às questões quando elas surgirem, não se está atingindo o objectivo essencial de um Regulamento.



Aniversário do Grupo n.º 4

Comemorou-se no passado dia 22 de Maio, o 19.º aniversário deste Grupo. Em virtude do mau tempo não foi possível realizar o habitual acampamento comemorativo.

Porém, em 22, pelas 22 horas, foi levada a efeito na sede do Grupo, uma festa de confraternização entre escoteiros, suas famílias, ex-escoteiros, sócios e amigos do Movimento. Estava presente a Direcção do Grupo, srs. Humberto Carvalho Barbosa, presidente; António Emílio de Carvalho Barbosa; José Martins dos Santos e Manuel de Sousa. Estiveram também presentes o ex-chefe Regional sr. A. Tomaz dos Santos e o chefe António Dias Martins, a quem se deve a abertura deste Grupo no Norte, que tem sido um bom amigo, bem como ainda o ex-chefe escoteiro no Brasil, sr. Ireneu Reis Cunha.

Aberta a sessão com a canção Eh Lá! e o Hino oficial do Grupo 4, falou o presidente da direcção e, entre vários oradores, falaram alguns pais dos escoteiros.

Procedeu-se, depois, à entrega de prémios do concurso inter-patrulhas, sendo entregue à Patrulha «Águia», vencedora deste concurso, uma taça com placa alusiva, distribuindo-se seguidamente os prémios aos vencedores guia João Padrão, subguia Anibal Remo Cunha, guia Fernando Leite e escoteiro António David.

Logo após, a Direcção entregou ao Grupo o carro de mão que prometeu há um ano, cuja cerimónia atingiu o rubro de alegria, pois além das linhas modernas da sua construção e da utilidade que representa para o Grupo, o seu valor enriqueceu o património do Grupo, atendendo a que está constituído em tubo de aço e dotado de pneumáticos e câmaras de ar, jantes raiadas, medindo o carro 1,5×1. Além disso, os seus acessórios depois de desmontados, têm aplicações de escada de campo com 3 m., um mastro de campo de 6 m., um tablado para serventia de mesa, etc.. Este acto revestiu-se de efusiva alegria dos escoteiros e de admiração dos convidados, alguns desconhecendo o escotismo.

Foi depois servido um chá e bolos aos escoteiros, familiares e a todos os presentes num ambiente de franca fraternidade escotista, cantando-se várias canções e, às 24 horas, foi encerrada a sessão com o Hino Nacional.—C.

JAMBORI DO JUBILEU



Conforme temos já anunciado, é em Agosto do próximo ano que se vai realizar em Inglaterra o grande Jambori em comemoração do Centenário de Baden-Powell e do jubileu do Escotismo. Verdadeiramente não se trata apenas de um Jambori, acampamento que reúne escoteiros de 12 a 17 anos, mas também de um «Rover-Moot» para caminheiros, e de um «Indaba» para dirigentes. Cada um destes acampamentos ocupará um local separado no grande Parque Sutton, um parque natural, fechado, de 2.400 acres, dos quais 75 são ocupados por lagos. Trata-se de uma antiga floresta reservada às caças reais, doada à municipalidade de Sutton Coldfield por Henrique VIII, em 1528, tendo sido conservada intacta.

O parque, verdadeiro santuário da vida selvagem, atrai os botânicos e os ornitologistas. Perto do seu lado oeste encontra-se uma antiga grande estrada notàvelmente bem conservada, vestígio do tempo em que os Romanos ocuparam as ilhas britânicas. No interior do parque encontram-se seis lagos, preparados para a prática de natação, pesca e náutica.

Birmingham, a segunda cidade de Inglaterra, encontra-se a 13 quilómetros a sudoeste.

O Jambori, o Indaba e o «Moot» realizar-se-ão ao mesmo tempo, tendo cada acampamento o seu local próprio. O Indaba terá dois subcampos: Um para senhoras e outro para homens. Haverá ainda um campo de delegados e outro de imprensa.

Para facilitar as operações administrativas, as delegações do Jambori serão divididas em grupos de 32. Cada grupo compreenderá quatro patrulhas de sete escoteiros, um dirigente de grupo (*troop leader*); um chefe de grupo e dois ajudantes, um dos quais desempenhará o cargo de intendente do grupo. As unidades do Indaba e do «Moot» serão constituídas da mesma forma.

A cerimónia de abertura dos três acampamentos será realizada em 1 de Agosto, quinta-feira, e o encerramento será na segunda-feira 12 de Agosto de 1957.

Podem participar no Jambori escoteiros que tenham mais de 14 anos e não tenham passado os 18 anos em 1 de Agosto de 1957. No «Moot» podem participar os caminheiros que tenham mais de 16,5 anos e não tenham passado os 23 anos em 1 de Agosto de 1957. No Indaba podem participar todos os chefes em actividade, homens e senhoras.

ALIMENTAÇAO

As ementas serão características da cozinha inglesa, salvo em casos de obrigações religiosas ou regimes médicos. O abastecimento será feito à base de unidades de 32 participantes.

PRÁTICAS RELIGIOSAS

Serão tomadas todas as disposições para que seja assegurada assistência religiosa a todos os escoteiros acampados. Estará no acampamento permanentemente uma equipa de capelães, que coordenará todas as actividades de natureza religiosa.

EXPOSIÇÕES

Por ocasião do Acampamento e no próprio Parque, serão apresentadas diversas exposições escotistas e educativas. Em diversos locais serão instalados postos de televisão para que todos possam gozar desta maravilha do progresso, o que terá interesse para muitos visitantes de países que ainda não possuem televisão. Ver-se-á ainda no acampamento a antena gigante da televisão, que transmitirá emissões destinadas a milhões de espectadores da região dos Midlands.

Entusiastas amadores de rádio assegurarão o funcionamento de um posto emissor e receptor de ondas curtas e esperam poder estabelecer ligação pela rádio com os países representados no Jambori do Jubileu.

O EMBLEMA DO JAMBORI

A Rosa Tudor de Inglaterra é o elemento principal da insígnia do Jambori, visto ser a Inglaterra a nação onde o Escotismo nasceu. O War-

(Conclui na 6.ª página)

ANTIGOS ESCOTEIROS

Reunião no grupo n.º 13

No dia 29 de Abril, reuniram-se no ginásio da Sociedade de Geografia vários Antigos Escoteiros do Grupo n.º 13, com suas esposas, numa confraternização íntima do mais alto significado.

A sala encontrava-se com uma decoração atraente e viam-se expostas várias recordações tais como cadernos de patrulha, álbuns de fotografias e relatórios, além de livros e revistas escotistas. Ao alto, na parede central, as bandeiras nacional e do grupo e vários cartazes de propaganda do escotismo.

A reunião decorreu na maior animação e teve como principais objectivos: reencontrar velhos companheiros, proporcionar o encontro de «Antigos» de épocas diferentes do grupo, confraternização, revigoração do espírito escoteiro, ajudando a insuflá-lo nos mais novos, descerrar uma fotografia de homenagem ao prof. Júlio dos Santos.

Neste acto, falou Antero Nobre, que, em palavras amigas, enalteceu a acção do referido professor, que estava reunido com um grupo daqueles que beneficiaram da sua acção educativa.

O prof. Júlio Santos, num improviso que revelou bem o seu estado emotivo, recordou o passado e fez a exaltação do Movimento.

Em seguida, foi servido um chá, tendo-se aberto entre os presentes uma subscrição para a obtenção de fundos destinados a ajudar a ida de um escoteiro do Grupo ao Jambori de Inglaterra.

Dado o êxito desta reunião, surgiu a ideia de efectuar outras em que os antigos escoteiros se fizessem acompanhar de suas esposas e filhos.

Formularam-se votos para envio de saudações às direcções da Sociedade de Geografia, da Associação dos Escoteiros de Portugal, da Fraternal dos Antigos Escoteiros e do mensário escotista «Sempre Pronto».

Entre os presentes viam-se: Amadeu Martins, Antero Nobre, António Pedro, António Sá, dr. Caetano Passos, eng. Jorge Jardim, Jorge Melo, eng. José Amaro, José Cosmelli, eng. José Nobre Santos, José Passos, prof. Júlio dos Santos, Maximiliano Helbhing e Luís Matos.

Receberam-se várias comunicações, entre as quais destacamos as de: Alexandre Cardoso, Dr. Alvora Ataíde, Amílcar Fernandes, Dr. Délio Santos, Gomes Leite, Idílio de Carvalho, José Ramos, eng. José Sousa Melo, Manuel Ferreira, Mário Gonçalves e Raul Costa.

* * *

Nesta redacção foi recebido o seguinte ofício dos antigos escoteiros do grupo n.º 13:

Lisboa, 29 de Abril de 1956

(...) Director do «Sempre Pronto»:

Antigos escoteiros deste Grupo, juntos hoje em reunião de confraternização, vêm enviar a V. bem como a todos os seus colaboradores e assinantes, as suas saudações, expressando o seu vivo reconhecimento por tudo quanto beneficiaram com a sua passagem pelo Escotismo.

Queira, pois, V. ser o intérprete desses nossos sentimentos, junto de todos.

«Sempre Prontos»
pelos A. E. reunidos

aa) José M. Nobre Santos
Amadeu João Martins

O TEATRO ESCOTISTA

SEU VALOR COMO ELEMENTO EDUCATIVO

Tese apresentada na II Reunião-Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos pelo sr. António Gonçalves (Barradas)

Depois de afirmar que a falta de tempo lhe não tinha permitido desenvolver a tese que lhe tinha sido entregue, o sr. António Gonçalves apresentou o expressivo e interessante trabalho que reproduzimos, começando por dizer:

Poderá de facto o teatro exercer acção educativa na juventude? —Sim!.—Disse um grande pensador: «O teatro é a verdadeira escola da humanidade». A leitura de papéis, o estudo psicológico de cada personagem, o conhecimento geral da acção das peças, faz criar um conhecimento intelectual com sólida preparação para a vida.

A missão do teatro foi, em todos os tempos, uma escola educativa, quer fosse representado pela nobreza, quer fosse exibido pelo povo. A quem estuda, não pode passar despercebido parte do teatro de Gil Vicente, assim como essa jóia de literatura teatral de Almeida Garrett, «*Frei Luís de Sousa*».

Sendo o teatro moralizador e, como bem disse Augusto Ricardo, «o mais fácil meio de educação e o que mais atrai os jovens, como se não há-de utilizar essa arte como elemento educativo? O teatro tem em vista preparar na criança uma mentalidade consciente e fazer-lhe compreender a missão que esta arte deve significar na vida».

Como ensaiador dos grupos cénicos Gil Vicente e Alves da Cunha, e mais tarde do Grupo 60 dos Escoteiros de Portugal, em Vila Real de Santo António, tive ocasião de ver como indivíduos falhados pela sua conduta e deficiências de linguagem, aprendiam pela força de ensaios e aturada persistência, transformando-se em elementos valiosos.

Conheço algumas terras da província onde, além do trabalho, só se pensa nos bailes, jogos de cartas, jogos de malhas e tudo isto em volta da taberna. No entanto, há quem fuja a esse ambiente pernicioso: são os jovens amadores, que, em redor do seu ensaiador, estudam os seus papéis para futura récita a realizar para fins de beneficência.

E quais são as consequências destes sacrifícios, ensaios, estudos, etc.? Desviar a juventude da normalidade do café, nas horas vagas do trabalho, e dar aos mesmos a cultura da arte de representar.

Lembro-me com muita saudade do cénico do «60». Uma vez, foi-nos cedida a sala nobre da Capitania do Porto para ali levarmos um espectáculo em benefício da campanha do Socorro de Inverno. Havia um compromisso a cumprir nesta cedência: Tínhamos de fazer o palco sem usar pregos para não danificar as paredes. Deitámos mãos à obra. Estudei o problema, e os escoteiros bem unidos na obediência e recta formação moral, fizeram obra admirável.

Montou-se o palco e não houve uma só pessoa que acreditasse que a rotunda que tinha em sua frente fosse feita sem pregos. É que com rapazes desta natureza pode-se trabalhar. Surgiram ali vocações, que foram postas ao serviço dos necessitados ou em benefícios de obras de que a sede do grupo carecia, tendo levado à cena peças como «O Aldrabão», «O Nó do Lenço», «O Escravo», «Os dois estroinas», etc. etc.

Ao meditar neste assunto, não pude deixar de pensar em que toda esta actividade educativa prepara o rapaz para a vida. O escoteiro tem como *palco* a extensão vasta dos campos. Os *bastidores* são as próprias árvores do caminho. As *bambolinas* o espaço azul do firmamento. O *cenário de fundo* o horizonte, onde o céu se confunde com a terra. A *peça em cena* é a lei moral dos seus mandamentos. Os *números de variedades* o seu inumerável reportório de música e canções em volta do fogo de conselho. O *ponto*, a direcção dos seus chefes e guias.

O *pano de boca*, o abrir e fechar a sua Boa Acção Diária. Os *espectadores*, o mundo que os rodeia. O *Empresário* é Deus que a todos paga segundo as suas obras.

Eis porque o teatro é a própria vida! Que lindo é verem-se crianças de tenra idade mostrarem vocações artísticas nas suas poesias, fazendo o enlevo dos pais e das pessoas que os rodeiam!

Diz ainda Augusto Ricardo: «Parecendo à primeira vista um entretenimento recreativo sem utilidade, o teatro tem em vista preparar na criança uma mentalidade consciente e fazer-lhe compreender a missão que esta arte deve significar na vida colectiva.

«Tal como para compreender a pintura, a música, a cultura, se torna necessário possuir sensibilidade artística, assim o teatro exige para sua compreensão essa mesma tendência.

A juventude precisa ser arrancada ao marasmo em que a maior parte da mesma tem caído e para isso é preciso educá-la convenientemente no salutar princípio da moral cristã, oferecendo-lhe para sua recreação tudo quanto seja próprio para erguer a sua mentalidade.

Foi este o pensamento de Baden-Powell.

* * *

Conclusões aprovadas:

a) *Reconhece-se que o teatro tem dentro do escotismo uma função altamente educativa.*

b) *Os chefes devem envidar todos os seus esforços para incentivar a cultura da arte de representação e do canto.*

JAMBORI DO JUBILEU

(Conclusão da 4.ª página)

wickshire, condado onde se vai realizar o Jambori, está situado no centro de Inglaterra. É por isso que a insígnia escoteira está situada no centro da Rosa.

Esta associação da Rosa Tudor e da flor de lis dos escoteiros é duplamente simbólica, porque as duas, sob formas variadas, têm figurado desde há séculos nos brasões de muitos homens célebres da Grã-Bretanha.

* * *

São estas as primeiras notícias do Jambori do Jubileu, actividade que vai congregar em Inglaterra, em Agosto de 1957, muitos milhares de representantes do Escotismo Mundial e onde Portugal irá, uma vez mais, marcar a sua presença. Todos os países da Europa, para cá da *cortina de ferro*, projectam enviar condignas representações e quase todos os países livres do Mundo estarão representados. Só a Espanha, que inexplicàvelmente não permite o funcionamento do Escotismo, não estará oficialmente representada nesse grande acontecimento mundial, jornada de paz e de boa compreensão internacional. Nós, Escoteiros Portugueses, mais do que qualquer outra nação, sentiremos o afastamento dos nossos irmãos escoteiros espanhóis, que, pela sua dedicação, patriotismo e espírito cívico, conquistaram já, de justiça, o direito de poder envergar de novo o uniforme.



UM ESCOTEIRO DE OUTROS TEMPOS

Numa das nossas províncias ultramarinas de África, aumentava, de dia para dia, o efectivo de um grupo de escoteiros. Houve, portanto, de criar mais uma patrulha de seniores. A dificuldade estava em conseguir-se o nome de um patrono, pois o chefe Melício gostaria que fosse escolhida uma figura da nossa História, de preferência um explorador africano que tivesse prestado grandes serviços à Pátria.

Ora o secretário do grupo, o Daniel, dedicava-se muito a estudos históricos. Não se pudera formar, como era seu desejo, e era empregado comercial. Mas a História era o seu passatempo preferido e nesse ramo do saber humano era, verdadeiramente, um autodidacta.

—Então, Daniel? Como és um *cocabichinhos*, certamente já arranjaste um bom nome para a patrulha... Nós gostaríamos que fosse um explorador de África, exemplo de persistência, de saber, de abnegação.

—Conheço um vulto que é o patrono ideal. Houve um homem que tentou fazer a viagem de Moçambique à contra-costa e morreu, após inúmeras privações e sofrimentos, ao procurar atingir o seu objectivo. Chamava-se ele doutor Lacerda e Almeida.

—Nunca ouvi falar desse nome! —estranhou o Miguel, o futuro guia da nova patrulha.

—Nem eu...—observou o Jerónimo.

—Pois vou-lhes dizer quem era. O doutor Francisco Lacerda e Almeida, natural do Brasil, veio a Portugal doutorar-se em Matemática. Em 1780, partiu para as terras de Santa Cruz como geógrafo e astrónomo a fim de servir na delimitação de fronteiras e explorou o curso do Amazonas e seus afluentes até à vila de Barcelos. No ano imediato, navegou pelo rio Madeira até Vila Bela de Mato Grosso, explorando aquela região durante quatro anos. Em 1786, viajou de Vila Bela até Cuiabá e em 1788 foi explorar o Brasil de ocidente para oriente até S. Paulo. Depois de ter palmilhado assim as selvas do Amazonas, Lacerda e Almeida foi nomeado governador de Tete e Rios de Sena. Em fins de 1797, chegava a Moçambique. Um belo dia, apareceu em Tete um sertanejo, Manuel Caetano Pereira, que com alguns serviçais pretos fora em viagem de comércio a Cazembe, a pedido do rei deste país. O sertanejo foi recebido em audiência pelo governador de Tete e deu-lhe o maior número possível de indicações. Os indígenas diziam que a travessia para Angola desde Cazembe demorava três meses. Ao mesmo tempo, o sertanejo Gonçalo Caetano, pai do Manuel Caetano, ofereceu-se ao governador para o acompanhar na travessia, tendo sido nomeado capitão-mor de Mixonga. Com muitas dificuldades, preparou-se a expedição. Lacerda e Almeida comprou muitas mercadorias para negociar com o rei de Cazembe e ia dando instrução militar à tropa. E ria, ao ouvir os pretos perguntarem para onde iam as balas e ao vê-los cair de borco com o coice das espingardas.

A rapaziada ria também, como, outrora, o infortunado explorador. Daniel continuou:

—Em 3 de Julho de 1798, a caravana pôs-se em marcha. Atravessou uma região montanhosa, seguida de espinheiros. Alguns pretos escapuliam-se, tendo o explorador de reduzir a carga e distribuir o sal, o chá e a aguardente e abandonar dois barris de vinagre e um caldeirão. Indignado, Lacerda e Almeida invectivava-os: *Se sois fracos e não estais dispostos a sofrer incómodos ao serviço de Sua Majestade, porque assentastes praça? Eu seguirei para a frente, ainda que seja só com a camisa que tenho no corpo e até sabendo que tenho de morrer. Dispenso companheiros que, por uma coisa de nada, perdem o ânimo.*

—Valente! Era um verdadeiro escoteiro esse explorador. Iniciativa não lhe faltava...—exclamou o chefe do grupo.

Daniel prosseguiu a sua narrativa:

—O pavor dominava a expedição. Constantemente, os pretos debandavam. Entravam, agora, em terras de maraves, nativos elegantes e robustos, que usavam flechas e arcos. Os carregadores recusaram-se a caminhar e os maraves admiraram-se de ver o doutor dentro dum palanquim, pois o rei Bive, senhor daquelas terras, não andava dentro de uma casa.

—Que faria se eles vissem os automóveis e os comboios?—disse o Jerónimo.

—A viagem continuou com o abandono de novas cargas, entre elas uma caixa de louça e três poltronas pedidas pelo rei de Cazembe, manteiga e pólvora já estragada. Atravessaram o vale de Lupata. À cordilheira de nascente deram o nome de Mariana e à do poente o de Joanina, em homenagem a a D. Maria I e ao príncipe regente. Os negros recusaram-se a ir mais além, tendo Lacerda e Almeida de os admoestar. Entretanto, os maraves vêm à expedição roubar pretinhos a que chamam bichos. Essa raça de negros vivia do roubo dos viajantes. Mas a má vontade já não era só dos pretos. Um dos oficiais da expedição insubordinou-se. O doutor não faz senão atender as queixas de negros que ameaçam devorar quem lhes tornar a bater...

—Eram de força os companheiros do doutor. Não estavam com meias medidas!—galhofou o António, subguia.

—A expedição—continuou o secretário do grupo—chegou às terras do régulo Mussidansaro, onde existiam minas de ouro, e às terras dos muiras que tiravam da casca das árvores fibras utilizadas na fabricação de tecidos que vendem aos maraves, e, então, dois chefes, Chiamba e Mizizandaro questionaram sobre qual teria a honra de acompanhar o viajante ao rei de Cazembe. A questão subiu ao doutor Lacerda e Almeida, que escolheu os dois e, para os calar, ofereceu-lhes aguardente.

—Isso mesmo é o que eles queriam...—exclamou o Miguel.

Daniel prosseguiu a sua narrativa:

—Mas as febres palustres começaram a saltear o doutor Lacerda e as dificuldades aumentavam. Os maraves queriam roubar o gado, com o pretexto de que lhes tinha comido o milho. Houve desordem e, na confusão, desapareceu uma vaca. Os nossos pretos assaltaram e incendiaram a povoação dos maraves e os muiras diziam que se fosse o assunto com eles, a questão tinha-se resolvido da forma mais cómoda—devoravam os maraves. A febre aumentou. Não havia medicamentos, mas a ordem era marchar. O doutor não podia já redigir o seu diário. Sem dar acordo ia, contudo, gemendo: Vejam os rumos, a agulha. Agora, apareceu a fome. Na terra de Mocanda, o rei não apareceu com medo de que a expedição comesse

(Conclui na 7.ª página)

NO JAMBORI DO PACÍFICO



No momento da chegada—não há chuva que chegue para fazer desaparecer estes sorrisos

(De «World Scouting»)

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

Os nossos contos

Um escoteiro de outros tempos

(*Conclusão da 6.ª página*)

tudo. Faltava o sal. O pessoal recusava-se a marchar. Chegaram ao reino dos Mutumbucos, cujas mulheres dilatavam o lábio superior para atravessarem nele uma argola de marfim. Ali encontraram sinais de ouro. Na povoação do régulo Caparemera, este foi recebido e presenteado pelo explorador. Mas o negro supôs que o ouro de que o sábio lhe falava era uma casca amarela para tinturaria.

—O ouro uma casca? Essa foi boa...

—O soberano preto pasmava diante do barrete vermelho do doutor. Atravessaram terras de ouro, mas sem nada de comestível. Voltou a fome e a febre. Apenas apanhavam no rio peixes insignificantes. Aqui comiam carne podre de hipopótamo. Ali, mergulhavam, doidos de sede, na água imunda.

—Mas eles iam sempre avançando...—exclamou o Jerónimo.

—Umas vezes, atravessavam pântanos, cercados de espinheiras, outras a selva virgem, aberta a fogo ou a machado. Ora o calor era sufocante, ora o frio os regelava. Numa povoação, nunca tinham visto brancos. A certa altura, foram recebidos embaixadores do rei de Cazembe, que disseram que o monarca ficara satisfeito com a visita de tal maneira que se besuntara de lama...

— Que costumes tão estranhos!...

—Pouco depois, a expedição atingiu a corte de Cazembe. Mas as privações sofridas abateram o doutor Lacerda e Almeida que, em 18 de Outubro de 1798, depois de dar as suas instruções para que a expedição alcançasse a outra costa, descansou para sempre...

—E a travessia foi levada a efeito?—perguntou o guia.

—Não. Passados dezasseis meses sobre a partida, certa noite chegaram a Tete, famintos, esfarrapados e mendigos, os sobreviventes.

* * *

Claro está que aquela patrulha sénior ficou tendo o nome do Doutor Lacerda e Almeida, que soube cumprir o seu dever até ao sacrifício da própria vida. Foi, na verdade, um grande escoteiro de outros tempos...

MANUEL FERREIRA

MAIS 500 ASSINANTES PARA O «SEMPRE PRONTO»

(*Conclusão da 8.ª página*)

ras. Terão assim a tenda, muitos prémios individuais e talvez a viagem a Madrid! Eis um concurso verdadeiramente invulgar. Não se trata apenas de um possível prémio, mas de muitos prémios simultâneos e antecipadamente garantidos.

Assim, 100 assinaturas darão direito aos seguintes prémios:

INDIVIDUAIS

100 senhas para o sorteio da viagem a Madrid.
5 exemplares da obra «Desporto, Cinema e Educação».
5 apitos de escoteiro.
5 exemplares da obra «Provas de 2.ª Classe».
5 exemplares «Para ser Escoteiro» do Prof. Floriano de Paulo.
5 bússolas.

COLECTIVO

A tenda de patrulha.

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA
CASA ÂNGULO
Rua da Prata, 148 — LISBOA

DOS AÇORES

Grupo n.º 52—Angra do Heroismo

Nova Direcção

Está constituída a nova Direcção deste Grupo para o biénio de 1956/1957, da qual fazem parte os senhores:

Dr. Henriques da Costa Brás, presidente;

Ten.-Coronel Frederico Augusto Lopes da Silva Jr., vice-presidente (e delegado do grupo na Base Aérea n.º 4);

Virgílio Óscar Pires Tosta, vogal;

Artur Moniz Silva, vogal;

Luís Borges Pimental, Vogal,

Dr. Henrique Henriques Flores, médico do grupo.

Comemorações do Dia de S. Jorge

No domingo, dia 22 de Abril, véspera do Dia do Escoteiro, o efectivo do grupo concentrou-se nas imediações do Observatório Meteorológico. O Chefe Moniz Silva fez uma breve alocução sobre o significado do dia e citou o aspirante Jorge Manuel da Costa, louvando a sua assiduidade. Os escoteiros ratificaram o compromisso de honra.

No dia 23, o chefe Moniz Silva fez ao microfone do Rádio Clube de Angra uma palestra assinalando a comemoração do Dia de S. Jorge, na qual se referiu ao carácter universal da data, citou o compromisso de Honra do Escoteiro e, abrindo um parêntese nas suas sentidas palavras, leu uma parte de dois artigos publicados nestas colunas, citando o «Sempre Pronto» com palavras de muita simpatia.

UMA GRANDE CAMPANHA

MAIS 500 ASSINANTES PARA O «SEMPRE PRONTO»



A partir de hoje está lançada a grande campanha para aumento de assinaturas do «Sempre Pronto». Fazemos um convite especial a todos os Escoteiros para nos acompanharem neste grande esforço. O nosso plano é conseguir mais 500 assinantes para o vosso jornal—Escoteiros. Isso permitir-nos-á modificar inteiramente a organização do jornal, aumentar o número de gravuras, desenhos, fotografias. Criar novas secções, melhorar a qualidade do papel. Enfim, queremos tornar o teu jornal melhor, mais importante, mais interessante. Para isso contamos, sobretudo, com a tua ajuda.

Queremos, no entanto, recompensar o teu interesse pelo «Sempre Pronto». Por isso, esta Grande Campanha vai decorrer em sistema de concurso. Todos aqueles que nos ajudarem na angariação de assinaturas receberão prémios. Teremos um grande prémio:—**Uma viagem a Madrid paga pelo «Sempre Pronto» e quatro dias de estadia naquela cidade.**

Teremos ainda outros prémios que iremos anunciando em números sucessivos do nosso jornal. Por agora, podemos anunciar já as bases em que o Concurso vai decorrer:

GRANDE PRÉMIO—VIAGEM A MADRID

Por cada assinatura que for remetida à Administração do «Sempre Pronto», e depois de liquidado o primeiro semestre, o respectivo proponente receberá uma senha numerada. Essas senhas habilitarão os seus portadores ao sorteio daquela viagem a realizar logo que tenhamos alcançado o alvo da nossa Campanha. Se em Junho do ano que vem, não tivermos atingido já as 500 novas assinaturas, o sorteio far-se-á na mesma, mas na base dos 500 números. Cada concorrente pode participar no Concurso com qualquer quantidade de senhas. Quanto mais assinantes propuser, mais habilitado estará para o Grande Prémio.

OUTROS PRÉMIOS

Angariadas as 2 primeiras assinaturas, o proponente terá direito a um prémio—Um exemplar da notável obra do Prof. António A. Dória, «Desporto, Cinema e Educação».

Angariadas 5 assinaturas—Um apito de Escoteiro.

Angariadas 10 assinaturas—Um exemplar do livro do Chefe Léo Borges Fortes «Provas de 2.ª Classe».

Angariadas 15 assinaturas—Um exemplar do livro do prof. Floriano de Paula, «Para ser Escoteiro».

Angariadas 20 assinaturas—Uma bússola.

PRÉMIO DE PATRULHA

Esperamos que, as Patrulhas colaborarão colectivamente neste Concurso. Por isso, sem prejuízo dos prémios individuais, estamos dispostos a conceder bons prémios às patrulhas que se notabilizarem.

Se houver alguma patrulha com coragem para angariar 100 assinaturas, o que nos não parece difícil, receberá UMA TENDA DE PATRULHA (de lintex).

Se angariar 50 assinaturas, receberá uma cantina de alumínio composta de panela, tacho, frigideira e concha, bem como 8 pratos de alumínio.

Se angariar 30 assinaturas—Um balde de lona e um alguidar de lona.

Se angariar 20 assinaturas—Uma lanterna.

Se angariar 10 assinaturas—Um machado.

Os prémios individuais vão sendo concedidos sucessivamente à medida que forem atingindo os escalões marcados. Por exemplo: Um escoteiro que angariar 10 assinaturas, receberá os prémios correspondentes a 2, a 5 e a 10, sem que este exclua qualquer daqueles.

O mesmo não sucede já com o prémio de Patrulha. Cada patrulha receberá um só prémio.

Os escoteiros que nos remeterem assinaturas devem indicar claramente o seu nome, a morada, patrulha a que pertencem e grupo, e o número de assinaturas angariadas até esse momento.

Os antigos escoteiros podem cooperar neste Concurso habilitando-se para o Grande Prémio (Viagem a Madrid) e aos prémios individuais. Podem também auxiliar as patrulhas nos prémios colectivos indicando-nos com clareza a patrulha a que deve ser atribuída a assinatura proposta.

E mãos à obra! Qual será a patrulha que quer receber uma TENDA novinha? Não é difícil. Basta que cada um faça a sua parte. Há tantos amigos dos Escoteiros que gostariam de ler o «Sempre Pronto». E depois, se não conseguirem a TENDA, têm a cantina de alumínio. Mas se quiserem, certamente que conseguem alcançar as 100 assinatu-

(Conclui na 7.ª página)

Cantinho dos mais novos

Viver bem e viver sempre

«Viver bem e viver sempre» é uma das frases mais significativas do grande Chefe, que foi Baden-Powell. «Viver bem». Que teria ele pretendido dizer? Esse *viver bem* a que se referiu seria viver com riquezas? Seria com prazeres, luxo, vícios? Não era a qualquer dessas formas de viver que B.-P. se referia, mas a uma maneira bem diferente de todas essas e vivida por pouca gente.

A forma de viver a que B.-P. se referiu era a mesma que ele próprio viveu, sentindo o valor da sua obra e com a consciência do cumprimento do Dever. Sentindo confiança em si próprio e vencendo todas as dificuldades e quaisquer desgostos, com a força de vontade dos corações fortes, pelo valor dos seus méritos e das suas aptidões.

E poderá, porventura, haver maior prazer do que aquele que sentimos ao reconhecer que não somos inúteis, que a sociedade necessita do nosso concurso, de que temos a consciência tranquila pelo cumprimento do nosso dever?

Estou certo que não. Só vive bem aquele que é útil à sociedade, aquele que, apesar de dissabores, perigos e obstáculos que se lhe deparam na vida, sabe caminhar direito levando nos lábios um sorriso de felicidade e plena confiança. Sim, esse é o homem que *vive bem.*

Mas B.-P. disse: «Viver bem é viver sempre». Por certo, há muito quem tenha já observado a imortalidade de certos homens que a História não mais os esquece. Essa imortalidade não provém, em caso algum, das suas feições, dos seus defeitos ou compleição física, mas sim do valor das suas obras e do exemplo da sua vida. Abraão Lincoln, Gutenberg e tantos outros mais, cujos nomes seria fastidioso relatar pelo seu elevado número, souberam viver e por isso passaram à posteridade. Se fizermos uma análise das vidas desses grandes homens, verificaremos que se tornaram imortais porque a sua vida foi do género a que me referi, porque souberam «viver bem».

Posto isto, concluiremos que para se Viver Sempre é necessário Viver Bem. Eis, em poucas palavras, o significado que se poderá atribuir à frase «viver bem e viver sempre», frase proferida por um homem que soube viver bem e, estou certo, viverá sempre na lembrança de todos nós.

ANTÓNIO NORBERTO DE SOUSA CUNHA